Mascaramentos e revelações: um estudo sobre a máscara na produção contística de Clarice Lispector

Mariana Borrasca Ferreira[1]

Resumo

Situações de mascaramento e desmascaramento aparecem reiteradamente na obra de Clarice Lispector, estando presentes em muitos de seus contos, crônicas e romances. Este estudo, em andamento, analisa o modo como esses momentos de disfarce e revelação são estruturados pela escritora, efetuando análise temático-estilística de alguns de seus contos e fazendo referência a seus romances e crônicas quando necessário. O olhar atento revela que, na produção clariciana, a presença da máscara adquire diferentes significações, sendo que o próprio vocábulo máscara é empregado com diversos significados. Ele pode figurar enquanto objeto físico (a máscara que complementa o figurino, a fantasia) ou, ainda, ser associado ao uso da maquiagem, entre outras possibilidades, culminando em máscara social, versão de si que o sujeito assume em determinadas situações cotidianas, diante do Outro. No universo de Clarice, as máscaras parecem ser empregadas de modo paradoxal, havendo momentos em que são encaradas como essenciais para a convivência em sociedade e, outros, em que são percebidas como impedimento para a vida espontânea, livre, do sujeito. Elas podem, ainda, ocultar e/ou revelar algo sobre aqueles que as vestem, estando retratados instantes em que há identificação entre a máscara e o sujeito e situações de afastamento entre eles, se fazendo notar a consciência de que uma vida sem máscaras, ainda que persista enquanto busca utópica, não é, em realidade, possível. O que se propõe neste artigo é apresentar a pesquisa em andamento, expondo, brevemente, algumas das possibilidades de significação do vocábulo máscara que são indicadas pela própria produção de Clarice.

Palavras-chave

Clarice Lispector; conto; máscara; mascaramento

1 Possui graduação em Jornalismo (PUCSP) e em Letras Português-Francês (USP). Atualmente, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP), sendo bolsista da CAPES - mariana.borrasca.ferreira@usp.br .

Situações de mascaramento e desmascaramento são frequentes na produção de Clarice Lispector, aparecendo em contos, crônicas e romances da autora. São muitas as situações narradas em que a personagem precisa assumir uma diferente versão de si para o convívio/contato com o Outro, ou, ainda, em que há a necessidade do abandono do disfarce até então utilizado para que o sujeito possa se (re)encontrar. O assunto está presente, por exemplo, nos contos "Mistério em São Cristóvão", "Praça Mauá" e "Ele me bebeu", entre outros.

O paradoxo faz parte do modo como a autora estrutura o emprego das máscaras em sua produção contística, sendo retratados momentos em que o disfarce é considerado essencial para a convivência em sociedade e outros em que o uso da máscara é entendido como barreira para a vida livre, espontânea do sujeito, isto é, para uma existência mais próxima da essência. As máscaras podem ocultar e/ou revelar algo sobre aqueles que as vestem, havendo instantes de identificação entre a máscara e o sujeito e situações de afastamento e conflito entre eles.

Mecanismos aparentemente naturais, nos textos claricianos, os momentos de mascaramento e desmascaramento parecem ser associados ao sofrimento. Ao vestir uma máscara, a personagem restringe suas possibilidades de ser, o disfarce sendo encarado como aprisionamento do sujeito, e, por outro lado, ao abandoná-la, acaba-se perdendo um pouco de si, daquele que se vinha sendo até então.

É preciso destacar que, nos enredos da autora, apesar de ser possível vislumbrar momentos em que a máscara se quebra, as personagens sendo focalizadas no instante em que se percebem sem o antigo disfarce, não se pode afirmar que exista a possibilidade de se permanecer sem máscaras – faz-se necessário que uma nova seja construída para substituir a anterior, havendo um movimento constante e contínuo entre o tirar e o colocar as máscaras.

A pesquisa aqui proposta analisa os passos que compõem esse movimento na produção contística de Clarice Lispector, observando, por meio da análise temático-estilística de alguns de seus textos, os modos como a autora configura tais situações.

Atentando para os motivos que levam à construção ou perda da máscara e quais suas consequências, busca-se entender as etapas em que tais processos se dão.

O tema das máscaras na obra da autora já foi objeto de estudo de alguns pesquisadores, dentre eles Carlos Mendes de Sousa (2012)[2] e Edson Costa Duarte (1996)[3]. No entanto, tais estudos normalmente encaram o assunto de modo geral, compreendendo toda a obra da autora, ou, ainda, abordam o mascaramento e desmascaramento da própria escritora em sua produção. O que aqui se propõe é olhar para o assunto de modo pontual, com atenção para os significados que podem ser atribuídos ao disfarce em sua relação com os eventos centrais dos enredos, situações de ruptura, momentos de crise ou epifanias, como nomeado por parte da crítica.

O objetivo do esforço analítico é observar se existem recorrências no tratamento dado ao tema, verificando se é possível validar a hipótese de que, se nos contos referentes à infância e adolescência, como "Mistério em São Cristóvão", ganham destaque as situações em que a máscara é elaborada e vestida, movimento necessário para a iniciação no contato com Outro, naqueles que retratam episódios da vida adulta, como "Praça Mauá", teriam ênfase os instantes em que a máscara se quebra, possibilitando à personagem um (re)encontro consigo mesma, experiência de autoconhecimento. A pesquisa ainda questiona de que maneira o modo clariciano de estruturar as situações de mascaramento e desmascaramento pode se associar à própria escritura[4] de Clarice.

Para tanto, faz-se necessário, em um primeiro momento, trabalhar com a polissemia do vocábulo "máscara", passo necessário para definir os recortes que serão dados

2 SOUSA, Carlos Mendes de. "Figuras do eu (o nome, a assinatura)", in: *Clarice Lispector: figuras da escrita*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

3 DUARTE, Edson Costa. *Clarice Lispector: máscara nua*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP. Campinas, 1996.

4 O conceito de escritura utilizado é o de Leyla Perrone-Moisés, in *Texto, crítica, escritura*. A pesquisadora (2005, p.29-38) explica que o termo, definido por Roland Barthes, surgiu em *Le degré zero de l'écriture* (1953) para indicar "uma realidade formal situada entre a língua e o estilo e independente de ambos" (apud Barthes, p.29), sendo uma questão de enunciação. O termo foi aqui empregado em razão da acepção que adquire posteriormente, segundo a qual escritura seria "a radicalização de um estilo, numa fusão de pensamento e impulso inconsciente" (2005, p.35), sendo que o conceito tem sido associado ao inconsciente até tempos contemporâneos à obra de Perrone-Moisés, onde se ressalta "a travessia da escritura pelas pulsões inconscientes, a inscrição, no texto, do próprio corpo do escritor" (2005, p.38).

ao assunto no trabalho. Na produção clariciana, não é só a presença das máscaras que adquire diferentes significações, mas o próprio vocábulo é utilizado com vários significados, podendo figurar enquanto objeto físico (a máscara que complementa o figurino, a fantasia) ou, ainda, ser associado ao uso da maquiagem, entre outras possibilidades, culminando em máscara social, versão de si que o sujeito assume em determinadas situações cotidianas, diante do Outro.

A análise da crônica "Persona"[5] parece essencial para compreender quais acepções da noção de máscara merecem destaque no estudo da obra de Clarice Lispector. Fazendo referência ao filme de Ingmar Bergman de mesmo título, a cronista aborda diretamente o tema das máscaras, tratando, a princípio, da máscara do teatro grego, a máscara enquanto objeto utilizado pelos atores, capaz de representar "pela expressão o que o papel de cada um deles iria exprimir" (1999, p.81). Tal entendimento de máscara aparece, por exemplo, em "Mistério em São Cristóvão" e, se expandido para o conceito de figurino, também permeia o conto "Restos do carnaval".

Em seguida, a voz narrativa amplia o significado do vocábulo, chegando ao sentido de máscara social:

> Bem sei que uma das qualidades de um ator está nas mutações sensíveis de seu rosto, e que a máscara as esconde. Por que então me agrada tanto a ideia de atores entrarem no palco sem rosto próprio? Quem sabe eu acho que a máscara é um *dar-se* tão importante quanto o *dar-se* pela dor do rosto. Inclusive os adolescentes, estes que são puro rosto, à medida que vão vivendo fabricam a própria máscara. E com muita dor. Porque saber que de então em diante se vai passar a representar um papel é uma surpresa amedrontadora. É a liberdade horrível de não ser. E a hora da escolha. (LISPECTOR, 1999, p.80)

Da noção de máscara objeto, a dos atores, a escritora atinge, então, o conceito de máscara social, aquela que os adolescentes, pessoas iniciando o caminho para a vida adulta, fabricam, com dor, se transformando, então, em personagens de si mesmo.

A máscara social, noção amplificada do termo, está presente em muitos contos claricianos, como em "Praça Mauá", em que as personagens levam uma vida dupla, ou,

5 Texto publicado no *Jornal do Brasil* em 2 de março de 1968, disponível em *A descoberta do mundo* (1999).

ainda, em "Ele me bebeu", que retrata situação em que a protagonista, Aurélia Nascimento, precisa compor uma versão de si, por meio da maquiagem, para se sentir confortável para o encontro com Affonso Carvalho. Enredos que retratam o aprisionamento do cotidiano doméstico também podem se referir, direta ou indiretamente, a tal tipo de disfarce, lembrando que o assunto é recorrente em alguns dos romances de Clarice, como em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*.

A hipótese de que, no início da vida, criar a máscara é o movimento que ganha destaque parece se expressar de modo evidente no trecho citado. A crônica ainda indica a possibilidade da "máscara de guerra da vida" deixar de servir, "depois de anos de verdadeiro sucesso", expondo "o rosto agora nu, maduro", rosto que precisará, então, de uma nova máscara. A probabilidade disso acontecer aponta, também, para a comprovação da hipótese inicial, de que, no caso das personagens adultas, as situações de quebra da máscara merecerão destaque.

Por fim, quando se lembra que trechos da crônica são replicados, de modo praticamente idêntico, em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, parece essencial buscar no romance outros elementos que possam compor os entendimentos que a noção de máscara adquire nos textos de Clarice Lispector. Na narrativa, que aborda, entre outros assuntos, a busca da protagonista Lóri por uma identidade mais próxima da essência, observa-se a maquiagem sendo entendida como máscara, associação que se repete em outros romances e contos claricianos, disfarce que também contribuiria para a composição de uma máscara social.

> [...] Então, sem entender direito o que fazia – só o entendeu depois – pintou demais os olhos e demais a boca até que seu rosto branco de pó parecia uma máscara: ela estava pondo sobre si mesma alguém outro: esse alguém era fantasticamente desinibido, era vaidoso, tinha orgulho de si mesmo. [...] (LISPECTOR, 1998, p.84)

Sendo assim, para abordar os processos de mascaramento e desmascaramento na produção contística clariciana, dentre as várias possibilidades oferecidas pela polissemia do termo máscara e pela obra da autora, a observação dos textos citados levou à

seleção das três possibilidades de entendimento de máscara indicadas: a máscara objeto, parte de fantasias; a maquiagem-máscara; e a máscara social, amplificação das possibilidades do termo.

Referências bibliográficas

DUARTE, Edson Costa. *Clarice Lispector: máscara nua*. 1996. 121f. Dissertação (Mestrado)- Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP. Campinas, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005 – (Coleção leitura e crítica).

SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.